

O ressurgimento do crochet no panorama contemporâneo não constitui apenas uma tendência estética ou cultural, mas antes um fenómeno multifacetado que cruza criatividade, empreendedorismo, inovação e dinâmicas globais. Num contexto marcado pela saturação da produção industrial e pela crescente valorização da autenticidade, o crochet emerge como uma prática que reconcilia tradição e modernidade, posicionando-se no centro da economia criativa. Este retorno não deve ser interpretado como um simples movimento nostálgico, mas como uma resposta estruturada a transformações profundas nos modelos de consumo, nas formas de produção e na própria organização das economias contemporâneas.

De acordo com análises recentes da economia cultural, práticas artesanais têm vindo a ganhar relevância enquanto formas de produção simbólica e económica. Como argumenta Mazzucato (2025), a criação de valor nas economias contemporâneas está cada vez mais associada à capacidade de integrar conhecimento, criatividade e propósito em processos produtivos que transcendem a lógica puramente industrial. Neste enquadramento, o crochet deixa de ser entendido apenas como técnica manual e passa a assumir-se como linguagem criativa e instrumento de diferenciação num mercado global altamente competitivo. O valor não reside exclusivamente no objeto final, mas no processo, na narrativa e na autenticidade que lhe estão associados.

Do ponto de vista do empreendedorismo, o crochet configura um exemplo paradigmático de microempreendedorismo criativo, particularmente relevante no contexto da economia digital. Brynjolfsson e McAfee (2025) demonstram que a transformação digital permitiu expandir significativamente o alcance de atividades tradicionais, possibilitando que criadores individuais acessem mercados globais sem a necessidade de estruturas organizacionais complexas. Plataformas digitais e redes sociais desempenham, neste processo, um papel central, permitindo a construção de marcas pessoais baseadas na autenticidade, na proximidade e na identidade cultural. Assim, o crocheteiro contemporâneo assume simultaneamente o papel de criador, gestor e empreendedor.

No entanto, esta transformação implica desafios significativos ao nível da gestão. Como sublinha Drucker (2025), as organizações contemporâneas, independentemente da sua escala, necessitam de desenvolver capacidades de adaptação contínua, integração de conhecimento e gestão estratégica. No caso específico do crochet, isto traduz-se na necessidade de equilibrar produção artesanal com estratégias de marketing digital, gestão do tempo, controlo de custos e relacionamento com o cliente. A natureza manual da

produção impõe limites claros à escalabilidade, obrigando os empreendedores a desenvolver modelos de negócio alternativos, como a personalização, a produção sob encomenda ou a criação de coleções limitadas. Estas estratégias, longe de constituírem limitações, reforçam o valor percebido e posicionam o produto num segmento diferenciado do mercado.

A inovação emerge, neste contexto, como um elemento central e simultaneamente paradoxal. Embora o crochet seja uma técnica tradicional, a sua reinterpretação contemporânea evidencia uma notável capacidade de adaptação. Brynjolfsson e McAfee (2025) defendem que a inovação nas economias atuais não se restringe ao desenvolvimento tecnológico, incluindo também a recombinação criativa de práticas existentes. No universo do crochet, esta inovação manifesta-se na exploração de novos materiais, na integração com o design contemporâneo, na articulação com tendências de moda sustentável e na criação de produtos híbridos que combinam funcionalidade, estética e identidade. Desta forma, o crochet posiciona-se como uma forma de inovação silenciosa, mas altamente relevante.

A dimensão global deste fenómeno reforça ainda mais a sua importância. Denis, Langley e Sergi (2026) destacam que, num contexto de globalização, práticas locais podem adquirir projeção internacional através de processos de glocalização, nos quais o local e o global entrelaçam-se de forma dinâmica. O crochet, frequentemente associado a tradições culturais específicas, é hoje reinterpretado em diferentes contextos geográficos, dando origem a novas linguagens estéticas e modelos de produção híbridos. Este processo não implica a perda de identidade cultural, mas antes a sua valorização e reinvenção num cenário global, onde a diversidade se transforma em vantagem competitiva.

Paralelamente, o crochet insere-se de forma consistente nas tendências emergentes de sustentabilidade e consumo consciente. Porter e Lee (2025) sublinham que os mercados contemporâneos estão cada vez mais orientados para produtos que integrem dimensões éticas, ambientais e sociais. O artesanato, ao privilegiar processos de produção de baixo impacto, utilização de materiais recicláveis e cadeias curtas de distribuição, alinha-se com os princípios da economia circular e da slow fashion. Esta convergência entre sustentabilidade, criatividade e valor simbólico reforça o posicionamento estratégico do crochet como alternativa viável à produção massificada.

A dimensão social deste fenómeno constitui igualmente um elemento central da sua análise. Putnam (2025) evidencia que práticas coletivas e redes de colaboração desempenham um

papel fundamental na construção de capital social, promovendo confiança, cooperação e coesão comunitária. As comunidades de crochet, frequentemente organizadas em torno de plataformas digitais, workshops e iniciativas locais, funcionam como espaços de aprendizagem, partilha de conhecimento e apoio mútuo. Para além do seu valor económico, estas práticas contribuem para o bem-estar individual e coletivo, assumindo relevância particular num contexto marcado pela crescente fragmentação social.

A análise do crochet enquanto fenómeno contemporâneo permite ainda estabelecer uma ligação com dinâmicas mais amplas da economia global. Acemoglu e Robinson (2024) defendem que o desenvolvimento económico depende da capacidade das instituições e dos indivíduos de se adaptarem a novos contextos e oportunidades. O ressurgimento do artesanato, e do crochet em particular, reflete precisamente esta capacidade adaptativa, evidenciando uma transição de modelos industriais padronizados para modelos baseados em conhecimento, criatividade e redes distribuídas. Esta transformação não representa um retrocesso, mas antes uma evolução no sentido de sistemas mais flexíveis, resilientes e orientados para o valor.

Neste enquadramento, o crochet pode ser interpretado como um microcosmo das transformações contemporâneas nas organizações e na economia. A sua evolução ilustra a forma como práticas tradicionais podem ser reconfiguradas e integradas em modelos económicos inovadores, respondendo simultaneamente a desafios de sustentabilidade, identidade e diferenciação. A sua relevância ultrapassa a dimensão estética ou cultural, assumindo-se como fenómeno estratégico que cruza múltiplas dimensões, económica, social, tecnológica e ambiental.

Em síntese, o crochet não representa apenas o retorno de uma prática artesanal, mas a afirmação de um novo paradigma onde gestão, empreendedorismo, inovação e cultura se entrelaçam de forma dinâmica. A sua crescente visibilidade no contexto global demonstra que, mesmo num mundo altamente tecnológico, práticas manuais e criativas podem desempenhar um papel central na criação de valor económico e social. Tal como o fio que se transforma em tecido, o crochet simboliza a capacidade de transformar tradição em inovação, local em global e criatividade em sustentabilidade. Mais do que uma técnica, constitui uma metáfora contemporânea de adaptação, reinvenção e resiliência num mundo em constante transformação.

## Referências Bibliográficas

Acemoglu, D., & Robinson, J. A. (2024). *Why nations fail: The origins of power, prosperity and poverty* (Updated ed.). Crown Publishing Group.

Brynjolfsson, E., & McAfee, A. (2025). *The second machine age revisited: Work, progress, and prosperity in a time of brilliant technologies*. W. W. Norton & Company.

Denis, J.-L., Langley, A., & Sergi, V. (2026). Leadership in the plural: Dynamics of collective leadership in organizations. *Organization Studies*, 47(1), 3-25.

Drucker, P. F. (2025). *Management challenges for the 21st century* (Updated ed.). Routledge.

Mazzucato, M. (2024). *Mission economy: A moonshot guide to changing capitalism*. Penguin Books.

Porter, M. E., & Lee, T. H. (2025). *Value-based strategies and sustainable markets*. Harvard Business Review Press.

Putnam, R. D. (2025). *Bowling alone: The collapse and revival of American community* (Updated ed.). Simon & Schuster.